



UNISUL

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

JENNIFFER MONTEIRO VIANA

**“NUNCA SENTI O VERDADEIRO AMOR”: GÊNERO, REPRESENTAÇÃO E
SEXUALIDADE NA REVISTA *ELE ELA***

Palhoça

2010

JENNIFFER MONTEIRO VIANA

**“NUNCA SENTI O VERDADEIRO AMOR”: GÊNERO, REPRESENTAÇÃO E
SEXUALIDADE NA REVISTA *ELE ELA***

Trabalho de Monografia apresentado ao Curso de Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Orientador: Prof^o. Antônio Manoel Elíbio Júnior, Dr.

Palhoça
2010

JENNIFFER MONTEIRO VIANA

**“NUNCA SENTI O VERDADEIRO AMOR”: GÊNERO, REPRESENTAÇÃO E
SEXUALIDADE NA REVISTA *ELE ELA***

Esta Monografia foi julgada adequada à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo e aprovado em sua forma final pelo Curso de Comunicação Social, da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Palhoça, 30 de novembro de 2010.

Prof. e orientador Antônio Manoel Elíbio Júnior, Dr.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Rosane de Albuquerque Porto, Msc.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Giovanna Benedetto Flores, Msc.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Dedico este trabalho as pessoas que mais me acompanharam nessa trajetória. A minha família, em especial os meus pais, por acreditarem em meu potencial. A meu marido e meu filho pela paciência que tiveram ao longo de todos esses anos de faculdade. Obrigado, amo vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família que sempre acreditou e apostou em mim. Obrigada por esses anos de apoio, amor e dedicação. Maicon meu amor, Nicolas, minha vida, obrigada por me agüentar todos esses anos e compreender que tudo que fiz foi para o bem de nossa família e por acreditar que dias melhores virão. Filho, mesmo pequenininho, obrigada por compreender as horas que a mamãe não esteve presente e por entender quando eu pedia um pouco de silêncio, para realizar este trabalho. Agradeço pela compreensão quando fiquei irritada e desesperada devido ao intenso trabalho sobre o TCC, pelo companheirismo de todos que agüentaram as minhas preocupações que fizeram de mim uma pessoa mal-humorada.

Pai, mãe, obrigada por me proporcionar o maior bem que uma pessoa pode ter: a educação e o conhecimento. Serei eternamente grata pelo esforço de vocês, e jamais esquecerei aquela frase: - O único bem que ninguém pode tirar de você é seu conhecimento. Jamais esquecerei isso.

Braitão e Tita, meus irmão queridos, por me acalmarem nos momentos de aflição e angústia e conseguirem colocar na minha cabeça que a vida é assim mesmo, obrigada pelas palavras de apoio e conforto. Obrigada por me fazer entender que devemos ultrapassar alguns obstáculos para alcançar o bem maior.

Agradeço aos meus amigos, que mesmo nos momentos mais difíceis não deixaram de estar sempre ao meu lado, fazendo dos meus dias de preocupação, dias mais alegres. Gi, Alinne e Laís, obrigada pelo companheirismo, pelo apoio, pela ajuda e principalmente pela amizade. Vocês são especiais pra mim.

Aos professores, que sempre tiveram muita dedicação e paciência comigo, muito obrigada. A Rosane Porto, por acreditar no meu potencial e por me ajudar a encontrar um tema para meu TCC. Em especial ao professor Tony Elíbio, que muito me ajudou e se encantou junto comigo com o tema proposto aqui, que me encorajou em certos momentos e que me orientou com intensa paciência. Obrigada!

Dizer que o sexo não é reprimido, ou melhor, dizer que entre o sexo e o poder a relação não é de repressão, corre o risco de ser apenas um paradoxo estéril. Não seria somente contrariar uma tese bem aceita. Seria ir de encontro a toda a economia, a todos os 'interesses' discursivos que a sustentam. (Michel Foucault)

RESUMO

Esta monografia tem como principal objetivo problematizar a representação da sexualidade exposta na revista *Ele Ela*, apesar da revista ter como foco o casal, aqui neste trabalho o olhar mais crítico é sobre o funcionamento das relações do sexo e sua representação com o gênero feminino. Para tal, foi selecionada como corpus de análise, a edição de nº 3 da referida revista, do ano de 1969. O referencial teórico desta pesquisa é baseado nos estudos das relações de gênero, da feminilidade, sexualidade, representação e repressão. O recurso que orientou a aproximação com o material foi a análise da revista e principalmente da primeira matéria do exemplar, intitulada: *Nunca senti o verdadeiro amor*. No entanto, para entender a proposta da revista foi necessário um olhar mais crítico para as reportagens, entrevistas e ilustrações que representam a sexualidade feminina exposta. Também foi necessário compreender as relações conjugais, o amor e a sexualidade que as permeiam. Este tipo de exploração do material empírico permitiu argumentar que a masculinidade, construída culturalmente, é orientada a sobrepor a feminilidade, incluindo a revista *Ele Ela*, que busca exercer sobre o leitor uma relação pedagógica sobre o tema. Afinal, a proposta da revista *Ele Ela* é levar orientação das relações entre os casais.

Palavras-chave: Representação. Sexualidade. Gênero. Feminilidade.

ABSTRACT

This study has as main objective to show the representation of sexuality exposed in the magazine *Ele Ela*, despite the magazine has as its focus, the couple. In this study, the most critical analysis is on the functioning of the relations of sex and its representation as the female gender. To this end, was selected as the analysis corpus, the 3rd edition of the magazine, published on 1969. The theoretical framework of this research is based on studies of gender relations, femininity, sexuality, representation and repression. The resource oriented approach to the analysis of the material was reviewed and especially the first subject of the edition, entitled: I never felt true love. However, to understand the proposal of the magazine, it took a more critical analysis to the reports, interviews and illustrations that represent the female sexuality exposed. It was also necessary to understand the marital relationships, love and sexuality that pervade. This kind of exploration of empirical material allowed to argue that masculinity, culturally constructed, is oriented to overlap femininity, including the magazine *Ele Ela*, which seeks to exercise the reader to a pedagogical relationship on the subject. After all, the proposal of the magazine *Ele Ela* is to orient and guide the relationships between couples.

Keywords: Representation. Sexuality. Gender. Femininity.

1 APRESENTANDO A *ELE ELA*

Investigar representações da sexualidade em revistas requer no mínimo um interesse em torno do que conta como conhecimento de representações, gêneros e da sexualidade, o que nos permite argumentar o papel de homens e mulheres na sociedade, com posições que são construídas através de influências culturais e históricas. Para entender as representações toma-se como base a obra de Pierre Bourdieu, *O Poder Simbólico* (2000). O autor fala que a posição central do sistema de ensino, na reprodução de práticas e de representações, está relacionada à aparente igualdade de oportunidades e questionada em função das diferenças de capital econômico, social e cultural. Sendo assim, os comportamentos oportunos para cada grupo funcionam na vida social através dos ensinamentos expostos sobre a sexualidade. No caso, a sociedade brasileira em 1969. Como corpus de análise, para entender esses ensinamentos e essa representação, foi tomado como base a edição de 1969, nº 3 da Revista *Ele Ela* e em específico a matéria 1.

Extinta, a revista *Ele Ela* é marcada pela exibição da dicotomia da sexualidade, que ocupa lugar de destaque em sua capa, nas matérias e na chamada: *Ele Ela – Uma revista para ler a dois*. Editada pela extinta Bloch Editores, surgiu em maio de 1969 com a proposta de orientar os casais no que se referia à sexualidade. Trazia nas reportagens orientações médicas, dicas de comportamento e casamento, sempre com o princípio básico de orientação sexual. Artigos, entrevistas duplas - sempre com um homem e uma mulher - crônicas, cartas do leitor, moda unissex, homens e mulheres no mercado de trabalho compunham o corpo da revista.

O pensamento editorial era evidenciado na capa¹: *Ele Ela - Uma revista para ler a dois*. Trazia as chamadas “*Vinícius fala do casamento*”, “*As ninfas ignoram o amor*”, “*A lua perturba as mulheres*”, “*Aprenda a tratar melhor o seu corpo*”, além de um caderno fechado: “*Dicionário de Educação Sexual – Ninguém jamais conseguirá ler tudo sobre o que se escreveu sobre amor, erotismo e sexo. Mais é possível ler o essencial.*” A idéia do roteiro da revista funcionava como determinante para comportamentos que seriam desejáveis para homens e mulheres de uma

¹ Veja ANEXO A.

sociedade que se dizia moderna. Mas esse caráter pouco foi alcançado, como cita Marko Monteiro:

O título da revista *Ele Ela*, é a expressão de um projeto de igualdade de gênero que não é cumprido. “*Uma revista para ser lida aos pares*”, o casal moderno e igualitário que surge com a revolução sexual, a libertação das mulheres e com a “modernidade”, em geral, tal como concebido no momento, é uma expressão do projeto que a revista tem. O que podemos dizer é que ocorre uma transição – a masculinidade perde seu estatuto de ser universal e genérico – mas que não tem como consequência uma posição necessariamente de igualdade dos sexos. Masculino e feminino não são equivalentes, embora pudéssemos dizer que o modelo aponta nessa direção. (MONTEIRO, 1997, s/p).

Para entender o modelo, matéria 1 da edição nº 3 de julho de 1969, que trazia no sumário: “Muitas mulheres, em todo o mundo apesar de procurarem com desespero o verdadeiro amor, jamais conseguem uma completa realização sentimental. O abismo lentamente as devora e só a ajuda do médico conseguirá salvá-la (Na página 6)”, busca-se na pesquisa, a partir da análise dualista de gêneros, a compreensão de como era marcada as diferenças entre os sujeitos, homem e mulher, a relação do feminino com as revistas e suas conquistas e, a representação do objeto, mostrando como se percebe a realidade vivida por homens e mulheres em 1969.

A divisão dos gêneros² é perceptível ao longo da revista. Na capa do exemplar analisado há duas fotos - uma mulher e um homem aparentemente nus - que são divididas por meio de um pontilhado. Destacando o pontilhado vê-se a contracapa que traz a chamada para a matéria especial: “Você só tem um corpo, trate bem dele. Qualquer pessoa pode se transformar numa ruína física e mental mesmo sem cometer excessos: basta ficar sentado o dia todo. O cuidado com o próprio corpo não é apenas uma imposição da boa aparência, mas uma necessidade de ordem biológica e psicológica. Leia a página 147 e aprenda a ser jovem para sempre.”

² Segundo site, <http://pfdc.pgr.mpf.gov.br>, da Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão o órgão considera que o conceito de gênero refere-se a uma categoria de análise das ciências sociais para questionar a suposta essencialidade da diferença dos sexos, a ideia de que mulheres são passivas, emocionais e frágeis; homens são ativos, racionais e fortes. Na perspectiva de gênero essas características são produtos de uma situação histórico-cultural e política; as diferenças são produto de uma construção social.

As matérias também são marcadas, entre elas: *Ele falou mal das mulheres*, matéria que traz pensamentos do filósofo Schopenhauer; *O amor masculino e feminino*; *A Dama das Camélias*, além de um especial: *Foi assim que ele me deixou*, com cartas enviadas pelas leitoras a respeito do fim de um relacionamento.

Para esclarecer as proporções acerca desta dicotomia pretende-se, no primeiro capítulo do trabalho, entender porque as questões ligadas ao amor e ao sexo são questões de gênero. Abordagens como as de Ana Maria Ramos Seixas (1998), Michel Foucault (1970; 1990) e Dolores Galindo (1997) são importantes para pensar as representações da sexualidade na revista *Ele Ela*.

As seguintes referências bibliográficas ajudam a entender como as revistas tratam as representações da sexualidade e como funciona essa abordagem. Os exemplos mais utilizados foram abordagens sobre revistas masculinas, cuja representação é mais evidente. Adriane Peixoto Câmara (2007) e Marko Monteiro (1997; 2002) trouxeram considerações a partir de investigações a respeito da sexualidade nas revistas masculinas, respectivamente estudaram a Revista *Sexy*, *Ele Ela* e *VIP*.

1.1 ENTENDENDO OS CONCEITOS

Ao eleger o tema representação da sexualidade como foco central do meu trabalho e como as revistas abordam o tema, considero que determinados assuntos devam ser esclarecidos desde o começo. Não me alongarei ao falar de representação da sexualidade masculina na revista *Ele Ela*, mesmo com a proposta da revista ser para o casal, me alongarei sim em tentar entender como a representação da sexualidade feminina é abordada, já que a matéria analisada aqui é uma matéria com foco central na mulher. A partir desta análise, procurei também discutir outros conceitos importantes, investiguei os lugares que homens e mulheres ocupam na revista, o conceito de gênero, além de entender as representações sobre a ótica da história da sexualidade.

Ao falar do conceito de gênero busco as contribuições expostas por Câmara (2007) baseadas nos Estudos Feministas de inspiração pós-estruturalistas³. Entendendo masculinidades e feminilidades não considero tais dimensões como separadas, pois elas constituem uma relação. Cabe também ressaltar que o fato de explorar e investigar a respeito da sexualidade, não implica a tarefa de retificar a sexualidade. Trata-se apenas de sinalizar fundamentalmente o caráter localizado e histórico, por isso não pretendo aqui estabelecer verdades absolutas sobre a sexualidade.

O conceito de gênero ganhou força nos anos 80 depois que um conjunto de feministas anglo-saxãs coloca o gênero em suas análises fomentando a respeito das relações entre os homens e as mulheres. De uma maneira geral, o conceito acentua especialmente a parcialidades das verdades estabelecidas, bem como no argumento de que as diferenças e desigualdades entre homens e mulheres eram social e culturalmente construídas e não biologicamente determinadas. Várias pesquisadoras feministas desafiam a neutralidade e a objetividade da produção do conhecimento. Neste sentido, Joan Scott (1995) apud Câmara (2007) propõe como característica analítica:

No espaço aberto por este debate, posicionados ao lado da crítica da ciência desenvolvida pelas humanidades e da crítica do empirismo e do humanismo desenvolvido pelos/as pós-estruturalistas, as feministas não somente começaram a encontrar uma voz teórica própria; elas também encontraram aliados/as acadêmicos/as e políticos/as. É dentro desse espaço que nós devemos articular gênero como uma categoria analítica. (CÂMARA, 2007, p.27)

Portanto, o conceito de gênero privilegia uma abordagem descontínua e relacional. Rejeita as investigações baseadas em teorias fundamentadas na essência e na biologia acerca das relações entre os gêneros, o corpo, o sexo e a sexualidade. Em se tratando de identidades tradicionais referentes à feminilidade e a masculinidade, Monteiro (1997) afirma que as posições dos sujeitos sofreram duro golpe na universalidade e legitimidade. Ou seja, o que aconteceu foi uma mudança de status linguístico, uma transição de um modo de representação, que o homem foi universal e genérico.

³ Para Tomaz Tadeu da Silva (2003) apud Câmara (2007), o pós-estruturalismo enfatiza um sujeito descentrado, que não possui características essenciais ou marcas originais, mas sim enxerga o sujeito como uma invenção cultural, social e histórica.

O sujeito universal – a mulher era sempre o contrário - aponta a masculinidade e a feminilidade como categorias equivalentes, portanto inseridas num sistema de diferenças. Para passar do processo de representação de um modelo para o outro, o que aconteceu foi uma influência do processo histórico, o nascimento de novos sujeitos que a partir daí questionaram a universalidade da masculinidade. Uma vez que estes novos sujeitos existem, questionam-se as posições dos sujeitos, assim Monteiro (1997) afirma que o modelo universal deixa de ser legítimo em si mesmo. Se antes eram os homens no controle das instituições e do discurso, agora outras vozes ganham crescente autoridade e outras identidades, conforme Bourdieu (2000):

A sociologia do gosto – revelado nas opiniões emitidas espontaneamente, nas apreciações estéticas ou de forma geral no consumo dos objectos culturais ou classificados como tais – permitem surpreender os mecanismos de diferenciação ou de afirmação da distância pelos grupos sociais dominantes; nesta perspectiva, a dinâmica da distinção social não se esgota no conflito simbólico pela imposição de uma dada representação da sociedade, mas prolonga-se na produção incessante de novos gostos socialmente diferenciadores e no abandono progressivo das práticas culturais. (BOURDIEU, 2000, p.4).

Como no sistema estruturalista, o deslocamento causado por essas mudanças alteram todas as relações do sistema, porque todos os elementos só existem em relação uns aos outros, assim aconteceu como o sujeito feminino que passou a alcançar novas possibilidades de status. É desta maneira que também não se pode analisar masculinidade e feminilidade como algo isolado das relações de gêneros. O conceito de representação é importante para analisar os elementos que, estabelecidos na cultura, participam da produção, assim definindo as posições dos sujeitos. Kathryn Woodward (2000) apud Câmara (2007) define o referido conceito:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos [...] (CÂMARA, 2007, p. 32).

Por isso dizer que a revista *Ele Ela* tenta abordar a libertação da mulher. O tema é discutido tanto no registro de Revolução Sexual quanto baseado no movimento feminista. A revista está preocupada com a modernidade, e se coloca como uma opção para o leitor moderno. No entanto, mais adiante, é possível notar que essa proposta pouco foi alcançada.

1.1.1 Metodologia e delimitação do corpus

Segundo Scalzo (2006), em estudar as revistas, o que “se nota em primeiro lugar não é uma vocação noticiosa do meio, mas sim a afirmação de dois caminhos bem evidentes: o da educação e do entretenimento”. As revistas vieram para ajudar na complementação da educação, no aprofundamento de assuntos, na segmentação, no serviço utilitário que podem oferecer a seus leitores. Revistas unem entretenimento, educação, serviço e interpretação dos acontecimentos. A princípio este último foi o que mais me instigou a analisar e tentar entender a revista *Ele Ela* e a representação da sexualidade presente.

O período escolhido, o ano de 1969, foi o marco para a escolha do exemplar de número 3, justamente porque era uma época de múltiplas fraturas das identidades coletivas no Brasil. Desse modo, proponho um recorte de análise para pontuar as questões aqui estabelecidas: a matéria um do exemplar de julho de 1969, “Nunca senti o verdadeiro amor”, que condena como loucas e necessitadas de tratamento psiquiátrico, as mulheres que nunca tinham sentido um verdadeiro amor.

Parto da hipótese que a revista busca mostrar a homens e mulheres, tidos como modernos, como funcionam as relações entre os casais. Ainda tentam explorar e abordar a sexualidade feminina com extrema normalidade. O que dificilmente acontece. Nesse contexto, tento relacionar todas essas possibilidades ditas até agora com a representação da sexualidade, em específico da sexualidade feminina, e as relações de gêneros. Essa pesquisa tenta compreender os posicionamentos projetados na revista *Ele Ela*.

No capítulo 2 intitulado “Amor e Sexo uma Questão de Gênero”, procurei aproximar o leitor com as diferenças das relações ligadas ao amor e a sexualidade,

nas quais pensar no sexo e na sexualidade é apenas permitido para homens, enquanto para as mulheres o que era permitido era a aproximação com o amor romântico. Também nesse capítulo apresento uma discussão preliminar em torno da sexualidade enquanto uma construção social e histórica, além de entrar no universo das relações conjugais e entender o papel que homens e mulheres têm nelas. Para finalizar o capítulo, procuro levar ao leitor uma discussão acerca do universo das revistas, principalmente das revistas femininas, para que a aproximação, com o corpus aqui proposto, seja maior.

No capítulo 3, “Repressão e Poder”, contextualizo teoricamente as proibições e permissões em torno da sexualidade com base nas teorias de Michel Foucault e Anthony Giddens, os autores trabalham com discussões ligadas à sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. No sub-capítulo, Despindo a *Ele Ela*, a partir das relações ligadas ao poder e repressão sobre o tema principal, entro no entendimento das particularidades da revista *Ele Ela*, analisando o exemplar e a matéria 1, para entender as diferenças da sexualidade masculina e feminina.

2 AMOR E SEXO UMA QUESTÃO DE GÊNERO

A partir do século XVIII, o romantismo é hegemônico nas artes e no comportamento de homens e, principalmente de mulheres, chegando a ser um dos definidores dos aspectos ligados à feminilidade. A imagem do feminino vem sendo associada ao amor, muito afastado da sexualidade. Segundo Seixas (1998), nasce um novo padrão de conduta: “a mulher deve ser frágil, dependente, temerosa, necessita de amparo e precisa ser dominada por um homem forte.” E ainda:

Constitui-se, portanto, a nova feminilidade, assentada em quatro pilares. O primeiro a domesticidade, quando aparece a figura da dona de casa, mulher incentivada a ficar em casa e cuidar do lar e dos filhos. O segundo, a criação do amor materno, a imagem da mãe dedicada e sofredora. O terceiro é o pedestal feminino – a mulher deve ser pura e submissa, religiosa e desesperada para as atividades públicas. O quarto é o amor romântico: homens e mulheres podem se casar por atração individual. A base desse amor é o afeto, e não a sexualidade. (SEIXAS, 1998, p.70).

No ideário romântico, a sexualidade ocupa status inferior ao amor. E, assim, socializada de modo a acreditar ser possível sentir atração sexual por uma pessoa que mal se conhece. Para Galindo (1997), o amor é um ‘evento raro’ dirigido a pessoas especiais e com menor frequência que a atração sexual. Este modelo de amor ao longo da história foi imposto ao feminino, de modo que ‘por natureza’ a mulher uniria sexo e amor, pensaria numa parceria eterna além de ser mais passível de se envolver efetivamente. O amor passou a constituir a outra face do feminino.

No discurso médico da época, a sexualidade é definida com função orgânica vinculada à necessidade de reprodução da espécie e, portanto, como um dado da natureza. Até o final do século XIX, a sexualidade, do ponto de vista médico, enfatiza duas temáticas centrais e contrapostas: a do casamento, espaço da sexualidade sadia, e a da prostituição, espaço da sexualidade doente. De acordo com Foucault (1990), a partir do final do século XVIII, há uma explosão discursiva a propósito do sexo. Os discursos vão de ilegítimos, indecentes, que dominam o sexo por insulto e zombaria, aos dos novos pudores, provocados como reação à depreciação das regras de decência.

O essencial é a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder, através da incitação à expressão. Segundo ele,

emerge uma “tecnologia do sexo” inteiramente nova porque era distanciada dos dogmas religiosos. O sexo passa a ser uma questão leiga, um negócio de Estado e um foco de disputa política por intermédio da economia, pedagogia, medicina e direito, formam-se aí quatro conjuntos estratégicos que desenvolvem dispositivos específicos do saber e do poder a respeito do sexo.

O eixo da economia tem como objetivo a regulação espontânea ou planejada dos nascimentos em razão do crescimento demográfico do século XVIII. A população é vista com referências baseadas na boa mão-de-obra, com mais capacidade de trabalho, mais produção e mais riqueza. O campo da pedagogia tem o foco específico na sexualidade das crianças e dos adolescentes que passam a ser objetos de inúmeros dispositivos institucionais e estratégias discursivas:

A disposição arquitetônica dos colégios do século XVIII, os regulamentos de disciplina e a organização do espaço físico interior mostram como os construtores e dirigentes educacionais pensam continuamente em sexo. [...] O sexo colegial passa a ser problema público. (SEIXAS, 1998, s/p).

A medicina, terceiro eixo da “tecnologia do sexo” tem como objetivo a fisiologia sexual feminina. O corpo da mulher é analisado, qualificado e desqualificado como corpo integralmente saturado de sexualidade. Quando as mulheres começam a procurar experiências de enriquecimento pessoal fora do casamento, a medicina alerta para o perigo de doenças nervosas, conhecidas como histeria ou doença dos nervos. Nesse ponto há um processo de “histerização” da mulher, no qual o sexo constitui por si só o corpo feminino ordenando-o somente para as funções reprodutivas.

Nessa perspectiva, o amor entre os cônjuges e, portanto o bom desempenho sexual do casal garante a saúde dos filhos, a moralidade da família e o progresso populacional da nação. Reafirma-se a questão de que o amor passa a ser interesse do Estado, não só a família fecunda, mas sim a família com capacidade de manter sua prole. A fragilidade física da mulher diante do homem é um retrato da sua delicadeza e da debilidade de sua constituição moral. A mulher é vista como sentimental, dócil, submissa, indisposta para os trabalhos intelectuais. O homem é o oposto: racional autoritário, altivo, seco. Ou seja, a mulher é formada para sentir, para amar. O homem é formado para pensar. O pensamento imposto era de que: sexo era coisa de homem.

Assim aconteceu com a imprensa feminina até meados do século XX, quando falar de sexo ainda era 'proibido'. A passagem escrita na matéria analisada da revista *Ele Ela* explica a circunstância:

Entrevistamos uma jovem senhora, Iara, de 34 anos, olhos bem negros e brilhantes, muito elegante, casada com um industrial. Ela contou-nos de sua varanda, no belo apartamento da cobertura de Ipanema:

- Na casa de meus pais não se fazia qualquer referência ao problema do amor. Meu pai estava sempre trabalhando. Minha mãe, tímida, educada à antiga, nunca me falou sobre as questões essenciais do amor e os problemas íntimos da mulher. Meus pais, aparentemente, formavam um casal feliz – o casal certo. Não havia discussões em casa, e nada nos faltava. Nunca tive uma visão traumatizante da vida deles. O matrimônio significava para eles a procriação e a manutenção dos filhos. Materialmente, eu possuía tudo que desejava, mas não recebia a compreensão que esperava, nem a ternura que às vezes eu exigia. Nessa época eu ansiava pelo carinho dos meus pais, mas tal como minha mãe era muito tímida. Ninguém me dava importância. Esta última frase é uma das mais ouvidas pelos psicanalistas em seus consultórios. A carga emocional, imposta recentemente pela emancipação da mulher, aumentou a desorientação sentimental e afetiva de muitas delas, predispondo-as ao eterno conflito com as normas morais. (“Nunca senti o verdadeiro amor”, In.: Revista *Ele Ela*, 07/1969, p. 8).

Falava-se de amor, mas não de sexo, ou falava-se de amor para falar de sexo, ou seja, como falado anteriormente a sexualidade ocupa status inferior ao amor.

Para a mulher só se poderia falar de plena satisfação sexual quando ligada ao sentimento amoroso. O trabalho de Foucault (1970) é essencial para entender a relação entre linguagem, expressão e realidade social. Pode-se dizer que ele faz uma relação das concepções metafísicas de verdade, conhecimento e poder. No caso da sexualidade, Foucault analisa o conhecimento social produzido sobre o sexo e seu funcionamento:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjugar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (...) Notaria apenas que, em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes. (FOUCAULT, 1970, p. 10).

2.1 HOMENS/MULHERES E O VÍNCULO CONJUGAL

As relações conjugais sempre foram tratadas com uma reflexão que buscava os costumes necessários para a sobrevivência do casamento, a cidade, as leis, e para sua prosperidade, a casa com a organização que permite sua manutenção ou seu enriquecimento. Essa subordinação sob as atividades cívicas e familiares fez do casamento um vínculo sem importância, assim seu valor não deixa de ser o de fornecer no Estado e às famílias uma descendência proveitosa. É onde retomo o foco principal deste trabalho frente às considerações de Bourdieu, que é a posição da sexualidade feminina perante a sociedade e conseqüentemente o papel da mulher frente ao homem, especialmente as mulheres da classe média que são o principal público da revista *Ele Ela*. Para Cunha apud Bourdieu (1999), “as mulheres têm um importante papel na produção e reprodução do capital simbólico”, ou seja:

(elas) naturalmente tomam a seu encargo (...) tudo o que compete à estética e, mais amplamente, à gestão da imagem pública e das aparências sociais dos membros da unidade doméstica (...) assumem o cuidado, a preocupação do adorno da vida cotidiana, da casa e de sua decoração interior (...) são elas que asseguram a gestão da vida ritual e cerimonial da família (...) destinada a assegurar a manutenção das relações sociais e do renome da família. (CUNHA, 1999, p.87).

Já Monteiro (1990), diz que a mulher representava um papel bastante ambíguo. “Por um lado, era considerada, alguém a ser protegida, quase incapaz, que não tem responsabilidade com nome ou herança. Por outro, cabia-lhe a possibilidade de perpetuar a espécie para a criação de outra família, de novos laços”.

Na Europa pré – moderna, e também até meados do século XIX no Brasil, a maior parte dos casamentos eram contraídos, não sobre o alicerce da atração sexual mútua, mas o da situação econômica. Entre os pobres, o casamento era um meio de organizar o trabalho agrário. Era improvável que uma vida caracterizada pelo trabalho árduo e contínuo conduzisse a paixão sexual.

Para Foucault (1997), o casamento exigia um estilo particular de conduta, sobretudo na medida em que o homem casado era o chefe de família, um cidadão honrado que pretendia exercer, sobre os outros, um poder ao mesmo tempo político

e moral; era o domínio de si que devia dar forma particular ao comportamento do homem sábio, moderado e justo.

O estilo particular de conduta dirigido à mulher era regido de normas. A mulher devia obediência total ao marido, era sempre preparada para ser esposa. Em função de evitar o adultério, promoveu-se a repressão sexual, que será relatada no capítulo três deste trabalho. Para Monteiro (1990), a virgindade era uma das formas de garantir a continência sexual, a privacidade de propriedade, o poder econômico. Além disso, a mulher obrigava-se a servir sexualmente ao marido, sob a pena de castigo, agressões físicas e morais.

Já para os homens, as oportunidades de se envolverem em ligações extraconjugais eram, com frequência, muito numerosas. Para Guiddens (1993), somente entre os grupos aristocráticos a licenciosidade sexual era abertamente permitida entre as mulheres 'respeitáveis'. "A liberdade sexual acompanha o poder e é uma expressão do poder"; ou seja, nas camadas aristocráticas, as mulheres eram suficientemente liberadas das exigências da reprodução e do trabalho rotineiro para poderem buscar o seu prazer sexual independente⁴. Evidentemente, isso jamais esteve relacionado com casamento.

O fato é que o princípio da moderação da conduta do homem casado se situa nos deveres da reciprocidade mais do que no domínio sobre os outros; ou melhor, o fato é que a soberania de si sobre si manifesta-se cada vez mais na prática dos deveres com relação aos outros e, sobretudo, de certo respeito com relação à esposa.

A maior parte das civilizações parece ter criado histórias e mitos que carregam a mensagem de que aqueles que buscam criar ligações permanentes devido a um amor apaixonado são condenados, como acontece no corpus estipulado para análise desse trabalho em que a mulher casada e infeliz no amor é tida como louca e doente. Diz a revista *Ele Ela* (1969): "A vida sadia e uma disciplina mental podem recuperar qualquer doente, tornando-a novamente apta a uma vida normal", frase que faz alusão que as mulheres somente são sadias quando mantêm uma boa relação conjugal. Foucault propõe:

Arte da existência matrimonial, fazendo relação, com a casa, a sua gestão, ao nascimento e a procriação dos filhos, valoriza cada vez mais um

⁴ Antony Giddens, *A Transformação da Intimidade*, 1993, p. 58

elemento particular no meio desse conjunto: a relação pessoal entre os dois esposos, o vínculo que pode uni-los, o comportamento de um para com o outro; e essa relação, em vez de tomar emprestada sua importância às outras exigências da vida de um dono de casa, parece ser considerada enquanto elemento primeiro e fundamental em torno do qual todos os outros se organizam, do qual derivam e ao qual devem a sua força. Em suma, a arte de conduzir um casamento menos por uma técnica de governo e mais por uma estilística do vínculo individual. (FOCAULT, 1997, p.9).

2.2 ENTRANDO NO UNIVERSO DAS REVISTAS

As publicações jornalísticas também foram utilizadas como canais controladores dos costumes sexuais da sociedade colonial brasileira. No Brasil do século XIX, quando o país ainda estava em formação, a sexualidade vivia sob as rédeas das instituições clericais. Alguns comportamentos sexuais eram tidos como abomináveis, sobretudo o concubinato, a desonra feminina e o adultério, o que poderia levar o indivíduo à Justiça do Rei de Portugal.

A história das revistas no Brasil, assim como a da imprensa, confunde-se com a história econômica e industrial do país. As revistas chegaram por aqui no começo do século XIX junto com a corte portuguesa, que vinha de Portugal fugindo da guerra e de Napoleão.

As revistas femininas existem desde que chegaram os primeiros periódicos⁵ no país. Traziam as novidades da moda, importadas da Europa, dicas e conselhos culinários, artigos de interesse geral, ilustrações, pequenas notícias e anedotas. Mais tarde, na década de 1950 surgem as revistas de fotonovelas, que

⁵ A primeira tentativa de instalação do que poderia considerar-se imprensa no Brasil não deu muito certo. Antônio Isidoro da Fonseca, antigo impressor de Lisboa, veio para a colônia no século XVIII trazendo em sua bagagem o material tipográfico que usou para montar uma pequena oficina no Rio de Janeiro. O impressor era responsável por publicar, entre outros elementos, as *Notícias de Portugal*. Mas a corte mandou abolir sua oficina e queimá-la para que não se propagassem idéias que poderiam ser contrárias aos interesses do Estado. No entanto, a fim de escapar das perseguições, Antônio Isidoro da Fonseca usava de fraudes alterando as datas das edições de suas publicações. Com a abertura dos portos cresceu o número de impressos entrados clandestinamente, inclusive jornais, e não apenas o *Correio Brasiliense*, primeiro jornal clandestino no país, apareciam as folhas que tinham bafejo oficial e que pretendiam neutralizar os efeitos da leitura do material contrabandeado.

A imprensa chega ao Brasil oficialmente no século XIX com a vinda de D. João VI. Desta oficina de Antônio Isidoro da Fonseca, a 10 de setembro de 1808 saiu o primeiro número da *Gazeta do Rio de Janeiro*, jornal artesanal, com prensa manual, circulação precária, de periodicidade mensal. (SODRÉ, 1999, p.29)

acertam em cheio o público feminino. Recheadas de romantismo, essas revistas não estavam preocupadas em mudar nenhum modelo da sociedade. Mas a mulher começa a partir daí a ser identificada como público consumidor privilegiado para a venda de revistas. Segundo Cunha, a associação mulher e romance está muito presente no imaginário ocidental. Atribui-se à mulher burguesa a dimensão do privado, da casa, da intimidade e, por conseguinte com disponibilidade para as leituras de romances.

Outro fato é a ligação da mulher ao mundo dos afetos, dos sentimentos e das emoções e assim, as publicações que tinham esse caráter encontravam nelas seu o público preferencial. Assim como na revista *Ele Ela* que era designada a esse tipo de mulher, a mulher burguesa. Na mesma década, a imprensa já reflete maior participação da mulher na esfera pública, porém na imprensa feminina permanece a rígida moral e os bons costumes exigidos na época. O discurso exposto nas revistas ainda era da boa dona-de-casa, centra-se, sobretudo, no amor conjugal e no aperfeiçoamento das habilidades domésticas. O sexo ainda era camuflado em meio ao discurso amoroso.

Na década de 1960 no Brasil, o sexo foi se insinuando lentamente nas revistas, aos poucos as seções vão mudando, além das publicações tradicionais que envolvem novelas, artigos sobre moda, idéias de decoração, receitas e conselhos de beleza, surgem as seções que combinam com a nova “mulher” da década, com consultas jurídicas, artigos abordando a saúde feminina, orçamento doméstico, mercado de trabalho e sexo norteiam as publicações.

Apesar do questionamento da conceituação de assuntos especializados para homens e mulheres, alguns temas são direcionados conforme o interesse para cada público. Segundo Buitoni (1990), a revista feminina sempre trata de alguma maneira, do tema *coração* com o enfoque relacionado no romance, sexo, melodrama, e a análise. Galindo propõe:

Na primeira metade dos anos 60, o sexo ganha maior espaço nas revistas femininas que refletem maior erotização do casamento e passa a admitir o desempenho sexual como elemento fundamental para o êxito do relacionamento. É característica desta época uma verdadeira “crise” simbólica: questionam-se conjunto de valores, normas e sentimentos tradicionais, introduzem-se novos códigos de conduta. (GALINDO, 1997, s/p).

A influência cultural francesa na vida dos brasileiros – em específico na elite do país – com as viagens dos diplomatas e estudantes ricos que se deslocavam para a cidade de Paris, o que aconteceu foi uma predominância francesa na educação das filhas da burguesia brasileira. Cunha (1999) explica como essa influência foi determinante na educação das mulheres brasileiras:

O Colégio Sacré Coeur e Colégio Sion – fomentaram uma “era francólica” que se estendeu até a metade do século XX. Enquanto hábitos, modas, mobiliário e vocabulário mantinham uma tônica francesa, os colégios femininos marcavam significativamente a educação da mulher de elite, reforçando a construção de um “modelo” feminino dotado de atributos como o refinamento, a compostura, a polidez, a descrição e a elegância, aliados a uma noção precisa de hierarquia e submissão. (CUNHA, 1999, p.29)

A imprensa feminina, imersa nesse contexto, passa a se preocupar com as leitoras diante da mudança no espaço social. Para as mulheres educadas como ‘moças de família’, o exercício da sexualidade desvinculada do objetivo da reprodução constituía concupiscência, o sexo emerge apoiado com o aval científico. Já nos livros recheados de romances sentimentais, as emoções amorosas das heroínas sempre são descritas entrelaçadas com fervor. Para falar de alma, de sentimentalismo, atribuía-se o corpo. A sexualidade feminina estava nesses romances presa aos limites impostos pela sociedade, que permeavam os valores do catolicismo, que por tradição diabolizava a sexualidade. Desta forma, nos livros que abordavam o romance na época, não havia alusões ao corpo e ao contato físico.

Tudo estava sob o controle das referências amorosas, limitava-se a descrever somente a parte superior do corpo da mulher. Extremamente disciplinado, ou seja, internamente normatizado no sentido apontado por Foucault como corpos dóceis, inscreve-se de si mesmo as proibições e prescrições e faz-se funcionar espontaneamente sobre si mesmo, torna-se o princípio da sua sujeição. Segundo Cunha (1999), a verdadeira codificação do modelo feminino presente nos romances estava limitada a estabelecer o andar gracioso, o movimento dos cabelos, das mãos, mas nenhum traço de pintura, decotes e transparência, reproduzia-se a severa imagem ideal da mulher.

Já as revistas voltadas para o público masculino fazem sucesso desde o começo do século XX, eram chamadas de revistas “galantes”⁶. Depois de desaparecerem do mercado por conta da censura moral da época, voltam ao cenário na década de 1960. Scalzo atribui:

Começam então a surgir as revistas masculinas que, além de publicar fotos de mulheres nuas, se preocupam em oferecer um conteúdo editorial de qualidade. Em 1966, é lançada a revista *Fairplay*, da Editora Efecê, que não dura muito por causa dos constantes embates com a censura e do preconceito dos anunciantes. Em 1969, a Editora Bloch lança *Ele Ela*, “uma revista para ser lida a dois”, que trazia mulheres nuas e reportagens sobre temas comportamentais ligados à relação homem-mulher. Tratando de assuntos polêmicos para a época e falando abertamente sobre tabus, a revista chega a vender 700 mil exemplares na década de 1970. (SCALZO, 2006, p. 35).

O universo masculino sempre desfrutou de certa liberdade quando os assuntos estão relacionados à sexualidade, e isso também está evidente nas revistas voltadas a esse público. A partir de tal premissa, principalmente cultural, as revistas procuram ressaltar a supremacia masculina em relação às mulheres, e assim incentivam um comportamento sexual masculino liberado.

Câmara (2007) afirma a partir de seus estudos sobre revistas masculinas que é possível dizer que as revistas se constituem como espaço de grande circulação de representações acerca da masculinidade e da feminilidade, ou seja, aponta que as revistas não atuam num espaço vazio ou neutro de significados, muito pelo contrário. As reportagens expostas, assim como os ensaios fotográficos estão por representações e significados presentes na cultura, constituindo os sujeitos. Segundo Tomaz Tadeu da Silva (2003) apud Câmara (2007), “os artefatos culturais são sistemas de significação implicados na produção de identidades e subjetividades, no contexto de relações de poder.”

⁶ As revistas masculinas intituladas de *galantes* ou revistas de *gênero alegre* desaparecem nos anos 30 por conta da censura moral e conservadora da época. O Centro da Boa Imprensa, fundado em 1910 pelo Frei Pedro Sinzig, naquela época tinha sob comando alguns padres que classificavam produtos jornalísticos como inofensivos e prejudiciais. Com a Revolução de 1930, os conceitos do moralismo ficaram mais austeros. Em 1932 foi instituída a Censura Federal, vinculada ao Ministério da Educação, Saúde e Ministério da Justiça. Foi nesta mesma época que as revistas do gênero alegre, gênero livre ou galantes sumiram do mercado da imprensa brasileira.

3 REPRESSÃO X PODER

Na intenção de pensar sobre os significados estudados, examinar as relações de poder, as condições históricas, sociais e culturais, nas quais se produzem as identidades, torna-se necessário dar forma as teorizações ligadas à sexualidade. Assim sem pretensão de explicar ou inventar conceitos é importante conhecer como as pessoas concebem sua própria sexualidade e entender porque a repressão é tão assídua nesse caso. Segundo Foucault (1999), a repressão sexual pode ser considerada como um conjunto de interdições, permissões, normas, valores, regras estabelecidas histórica e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade, pois, como inúmeras expressões sugerem, o sexo é encarado por diferentes sociedades – e particularmente pela nossa – como uma corrente impetuosa e cheia de perigos.

As proibições e permissões são interiorizadas pela consciência individual, graças a inúmeros procedimentos sociais, como a educação e a religião, e também expulsas para longe da consciência, quando infringidas, trazem sentimentos como a dor, o sofrimento e o sentimento de culpa. Sendo assim, o sexo e por consequência a sexualidade, que é algo supostamente biológico e meramente natural, sofre modificações quanto ao seu sentido, à sua função e a sua regulação ao ser deslocado do plano da Natureza para o da Sociedade, da Cultura e da História.

O fenômeno ou o fato da repressão sexual é tão antigo quanto a vida humana em sociedade, mas que o conceito de repressão sexual é bastante recente, isto é, que a reflexão sobre as origens, as formas e os sentidos desse fato, datam do século XIX, em outras palavras Chauí (1984) atribui:

As práticas sociais de controle, proibição e permissão do sexo são antiqüíssimas, porém o estudo de seu sentido, de suas causas, de suas variações no tempo e no espaço é um estudo recente, não sendo casual que os dicionários registrem como tardio o surgimento da palavra sexualidade, momento em que o termo sexo passa a ter um sentido muito alargado, especialmente quando os estudiosos passaram a distinguir e diferenciar entre necessidades (física, biológica), prazer (físico, psíquico) e desejo (imaginação, simbolização). (CHAUÍ, 1984, p. 11).

Nessa perspectiva o sexo deixou de ser encarado apenas como função natural de reprodução da espécie, como fonte de prazer e desprazer – como

realização ou pecado – para ser encarado como um fenômeno mais global que envolve nossa existência como um todo, dando sentidos inesperados e ignorados a gestos, palavras, afetos, tristezas, humor e atividades sexuais, como o trabalho, a religião, a arte, a política, que a princípio não têm nada de sexual. No entanto, a repressão aparece como um ato de domínio e de dominação e o reprimido como submissão à vontade e a força alheia, como numa alienação relacionado diretamente com o poder, é perfeita quando já não é sentida como tal, isto é, se realiza como auto-repressão, graças a interiorização dos códigos de permissão, proibição e punição da nossa sociedade. A sexualidade não deve ser compreendida somente como um impulso que as forças sociais têm de conter. Mais que isso, conforme afirma Giddens (1993), “ela é um ponto de transferência especialmente denso para as relações de poder, algo que pode ser subordinado como um foco de controle social pela própria energia que, impregnada de poder, ela gera”.

O poder aparece aqui como uma força de repressão. Foucault avalia o poder como um fenômeno mobilizador e não apenas como um fenômeno que estabelece limite. Ele ainda considera que a passagem do contexto religioso para o científico não alterou profundamente a atitude ocidental perante o sexo, pois tanto num caso quanto no outro, o sexo é algo de que se deve falar e falar muito, com detalhes, o autor acrescenta:

A minha opinião é que o importante não é se é possível ou até mesmo desejável uma cultura sem restrições, mas sim se o sistema de repressões em cuja moldura funciona uma sociedade deixa aos indivíduos a liberdade de transformá-lo. Evidentemente, qualquer tipo de repressão pode ser tolerável para alguns segmentos da sociedade. [...] Mas um sistema de repressões se torna realmente intolerável a partir do momento em que as pessoas a quem afeta não tenham possibilidade de modificá-lo, fenômeno que pode ocorrer quando esse sistema se converte em intangível por ser considerado expressão de um imperativo moral ou religioso ou consequência necessária da ciência médica. (FOUCAULT, 2000, p. 26).

Se, no contexto moral, fala-se para que seja estabelecida a fronteira do lícito e do ilícito, e no contexto religioso para a demarcação dos limites entre o pecaminoso e não pecaminoso, no contexto científico, onde parecem desaparecer os juízos de valor e as condenações, fala-se para que o sexo possa ser administrado, pois pertence ao campo da saúde pública. Nessa perspectiva, vê-se que a mudança relativa perante a sexualidade não significou um avanço da

libertação sexual ou uma redução da repressão, mas a passagem a outras formas repressivas que servem ao propósito da normalização.

Giddens (1993) afirma que a sexualidade, expressa de modo adequado, é a nossa principal fonte de felicidade, e quem é feliz está livre da sede de poder. No entanto, deixa aparente que os problemas da modernidade, são essencialmente aqueles de um campo de ação dominado pelo sexo masculino. Supõe-se que o amor esteja, mais uma vez, “em algum lugar nos bastidores” como uma especificidade das mulheres, em que na verdade, ele se transformou. No primeiro plano há apenas o mundo do trabalho remunerado, assumido como um empreendimento masculino. É de surpreender que as restrições da modernidade estejam bem de acordo com a masculinidade deteriorada.

Já Foucault tem seu próprio ponto de partida à preocupação ocidental com o sexo e, além disso, lança dúvidas sobre a idéia da repressão, para o autor a preocupação com a sexualidade, incluindo a invenção da própria sexualidade, é resultado do sucesso da vigilância como um meio de gerar poder. Ou seja, o sexo tornou-se uma preocupação bastante preeminente, pois compunha o principal ponto de ligação entre duas influências sobre o desenvolvimento corporal: era um meio de acesso tanto a vida do corpo quanto a vida das espécies. “Por isso a sexualidade era buscada nos menores detalhes das existências individuais, foi captada no comportamento, perseguida nos sonhos, suspeitou-se que fosse base das menores loucuras e teve sua trajetória remontada até os primeiros anos da infância”⁷.

O desdobramento da sexualidade como poder tornou o sexo um mistério, mas também, o transformou em algo desejável, ao qual precisava nos engajar para estabelecer a nossa individualidade e nossa identidade. O fato de tantas mudanças terem ocorrido no comportamento sexual desde o século XIX, indica que esta luta anti-repressiva é parte do campo da sexualidade, não uma subversão dela. Em vista disso, Giddens, acrescenta:

O nosso fascínio pelo sexo deriva da simples expansão da sexualidade como um fenômeno discursivo que penetra em áreas onde, anteriormente, ela estava ausente. Não acredito que o biopoder, como Foucault o descreve, explique as mudanças nas atitudes sexuais. Tais mudanças são, pelo menos em parte, o resultado de uma luta, sendo impossível negar que haja elementos emancipatórios. [...] As mulheres, em particular, conseguiram liberdades sexuais que, por mais parciais que ainda possam ser, são

⁷ Michel Foucault, História da Sexualidade, 1999, p.146

notáveis em comparação com algumas décadas atrás. Sejam quais forem as limitações e distorções a que se esteja sujeito, existe hoje um diálogo muito mais aberto sobre a sexualidade, em que virtualmente toda a população está envolvida, do que parecia concebível às gerações anteriores. (GIDDENS, 1993, p. 190)

A partir dessa relação de poder e repressão criada sobre o comportamento sexual, constituído por uma espécie de superioridade sexual masculina é que volto a pensar no contexto histórico onde o corpus, que aqui foi estabelecido, está inserido. Passando da esfera política e sociológica para o plano da literatura, chego mais perto de entender o que os discursos inseridos na revista *Ele Ela* trazem que possa classificá-los como eróticos. Os discursos sexuais heterossexuais, tal como aparecem nos grandes romances da nossa cultura, tem um valor discutível por se caracterizar por um pudor e uma descrição que parecem contribuir para o encanto dessas obras, principalmente nas descrições ligadas a figura feminina. Nas atribuições de Foucault (2000), retomo a revista a ser analisada:

A experiência da heterossexualidade, pelo menos desde a Idade Média, foi sempre formada por dois quadros: de um lado o quadro da corte, no qual o homem seduz a mulher; e de outro o do ato sexual em si. Mas a grande literatura heterossexual do Ocidente se polarizou fundamentalmente em torno do quadro da corte amorosa, isto é de tudo quanto precede o ato sexual. Toda a atividade do refinamento intelectual e cultural, toda a elaboração estética ocidental, se concentrava na corte. Daí a reduzida valorização literária, cultural e estética do ato sexual em si. (FOUCAULT, 2000, p. 18).

3.1 DESPINDO A *ELE ELA*

Para a análise da revista foi necessário “despir” a *Ele Ela*, ou seja, esmiuçá-la mesmo, com um olhar atento para os detalhes. Para estimular esse olhar mais atento, especialmente após a leitura prévia de todo material, estabeleci uma espécie de qualificação e classificação das matérias, para que a matéria escolhida como corpus de análise pudesse suprir e ilustrar de forma clara o tema proposto aqui nesse trabalho. A partir dessa metodologia foi que a matéria 1 foi escolhida, pois privilegia as questões ligadas ao gênero e a sexualidade.

A revista *Ele Ela* de 1969, como foi relatado anteriormente, tem a proposta de mostrar a seu público leitor, os casais, como funcionam as relações entre os gêneros, mas principalmente o que eles chamam de a ‘libertação da mulher’. Até no slogan da revista essa proposta de igualdade entre os sujeitos está exposta: Uma revista para ser lida a dois. No entanto na proposta editorial⁸ desse exemplar, a figura feminina é apresentada como um ser fraco, que perturba, cheio de malícia e sedução, e que põe em risco a firmeza da figura masculina. O texto do exemplar aqui estudado, cujo título é “Ele não pode existir sem Ela”, propõe:

Etérea, graciosa e ágil como a primeira luz das madrugadas, a mulher é o ser maravilhoso criado pelos deuses para dar ao homem o equilíbrio que, desde o começo, lhe faltava. Pois contam os gregos que, no princípio, só havia o homem, e tão magnificamente bem dotado que lhes causava medo. Eles receavam que o homem viesse a abusar da sua perfeição para subverter os céus. Criaram, então, um poder mais fraco, mas suficientemente forte para fazê-lo curvar-se. Esse poder foi a mulher, obra-prima de nuances, de malícia e engenho, de encanto e sedução sem iguais na Terra. E a manobra dos deuses resultou num sucesso. É a razão pela qual, diante da mulher, o homem se perturba e vacila como se enfrentasse a sua própria imagem refeita e melhorada. Neste seu novo número, *ELE ELA* analisa, sob muitos aspectos, os entrecosques constantes do homem-todo-poderoso e da mulher-toda-sabedoria. E a verdade é que, apesar de tudo, *ELE* sem *ELA* não pode existir. (MARTINS, JUSTINO, In.: Revista *Ele Ela*, 07/1969, p. 5).

Apesar dessa proposta descrita acima que tenta mostrar a soberania e liberdade feminina referente à figura masculina, muitas matérias descritas nesse exemplar funcionam como um diminutivo para a mulher brasileira do final da década de 60. Como a matéria descrita aqui; “Nunca senti o verdadeiro amor”, que faz uma análise através da entrevista feita com uma ‘jovem senhora, Iara, de 34 anos’. Na entrevista, a revista descreve:

Ela é uma mulher inquieta, de riso difícil. Tem tiques nervosos, rói as unhas, estala os dedos. O seu círculo de amigos é pequeno, pois seu comportamento passa imprevisivelmente das relações mais cordiais para as pessoas mais bruscas e para as atitudes mais inesperadas. Ela gosta da companhia masculina, mas deseja sempre mudar de ambiente e de interesses, não lhe importando a classe social ou econômica da pessoa escolhida. É irremediavelmente triste, pois em seu íntimo vive em completa condenação para si mesma – e adivinha que os outros também a condenam. Tem a constante angústia de não poder fixar-se num só amor – e amar para ela é necessidade imperiosa. Esta mulher confessa com amargura: - Sinto-me diferente das outras. Jamais pude amar verdadeiramente um homem. (Revista *Ele Ela*, op.cit., p.8).

⁸ Ver Anexo B.

Desse modo, essa mulher mal humorada, neurótica, com círculo social restrito, de relações superficiais, instável, triste e enfadonha, angustiada, e insegura ao mesmo tempo percebe a necessidade de “encontrar o amor da sua vida”, a partir dessa visão relatada na revista, “ela” estaria condenada à infelicidade. A representação da feminilidade e da sexualidade feminina está enfatizada através das descrições feitas sobre a personagem principal da matéria. A falta de um verdadeiro amor é vista como um problema psicológico feminino que afeta a vida social e moral da mulher.

Diz a *Ele Ela* (1969): “Tais mulheres não são muitas e seus problemas começaram sempre na infância, em decorrência de uma atitude pessoal que desafiava as sanções morais e as frustrações pessoais de seu meio.” Essa afirmação da matéria em análise faz alusão aos problemas da mulher com as frustrações amorosas, a revista ainda enfatiza que essas frustrações são escoradas sobre um casamento, na busca de um escoadouro natural, para os anseios e ainda fala que para a cura desse mal somente a ajuda de um psiquiatra resolverá, observe:

Uma análise superficial de tal tipologia revela que a incessante busca de amor nada mais é que o temor de apaixonar-se por um só homem e perdê-lo. Muitas delas são mulheres feias e pouco inteligentes: através das constantes conquistas tentam provar a si mesmas, e aos outros, que são capazes de concorrer com as demais. A mania de auto-afirmação é impulsiva e compulsiva, sendo denominada pelos médicos de *promiscuidade seletiva*, ou seja, o desejo de mudar freqüentemente. Nem sempre esse sintoma é indício de qualquer doença física ou psíquica. Muitas vezes ela é causada pela ausência de fixação amorosa, uma incapacidade psicológica de amar verdadeiramente. De qualquer forma tal sintoma deve e pode ser superado pelo tratamento clínico. (Ibid., p. 10).

Essa relação que a revista faz com a sexualidade feminina está declarada de forma muito simplória na matéria, fala-se de amor para falar de sexo. A entrevistada, Iara, reclama do distanciamento do marido, e da decepção de seu casamento. O resultado do apoio e da ‘verdadeira muleta’, como ela mesmo cita em relação ao casamento, foram as aflições e os problemas que logo começaram a surgir. As conseqüências desse distanciamento conjugal, dessa falta de amor verdadeiro, aparecem em um trecho da matéria:

Meu marido vivia sempre ocupado, lembrava meu pai em muitas atitudes, sobretudo num certo distanciamento emocional a meu respeito. Resultado: apaixonei-me por um amigo dele, que era muito afetuoso. Meu marido soube, mas me perdoou. Persistiram meus anseios, minha solidão aumentou. Resolvi então tratar-me. [...] Hoje, não me deixo vencer unicamente pelo sexo, pois procuro o amor acima de tudo. (Ibid.).

As análises para esses “males” feitas pela revista são altamente exageradas perante a necessidade da mulher se sentir amada:

Todas as causas mais freqüentes dessa moléstia são de ordem psíquica. Os psicólogos sabem que a doente não age por vontade própria, mas sob um impulso mental irrefreável. Segundo os analistas, elas sofrem de um complexo de inferioridade amorosa e por isso tentam se libertar através da conquista ilimitada de homens. E, ao contrário da mulher normal, ela jamais chega a uma completa e sadia satisfação sentimental. (ibid.).

Dessa maneira, com todos esses trechos explícitos, é possível argumentar que a revista, especialmente a matéria analisada, estabelece o que é certo e o que é errado nas relações sexuais e amorosas dos comportamentos femininos. Assim a mulher, culpabilizada pela sua própria infelicidade, é também responsável pelas agruras dos seus “impulsos” incontroláveis. Mas também ela “caça” os homens em sua busca incessante devido a sua “inferioridade” patogênica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de procurar argumentos para fechar determinados apontamentos expostos nesta pesquisa, considero proveitosa a leitura deste trabalho se ele de alguma forma, servir para ampliar o debate acerca das representações da sexualidade feminina em revistas e os investimentos feitos a elas na sociedade.

Durante a confecção do projeto de pesquisa, o objetivo era falar da repressão que a revista *Ele Ela* sofreu no final da década de 60 por abordar determinados assuntos ligados à sexualidade, que naquela época foram tratados como uma ofensa contra a moral da sociedade brasileira. O ano do corpus aqui citado, como falado anteriormente, é de 1969. E desde 1964, com o Golpe Militar, inauguraram anos de um regime marcado por repressão, censura e cassação de direitos políticos, desaparecimentos, torturas e exílio.

Em 1968, com a decretação do Ato Institucional, AI-5, as condições de qualquer atuação política no país tornavam-se extremamente dura e perigosa, conforme decorre dos Atos com os quais se institucionalizou fundamentos e propósitos que visavam a dar ao país um regime que, atendendo às exigências de um sistema jurídico e político, assegurasse autêntica ordem democrática, baseada na liberdade, no respeito à dignidade da pessoa humana, no combate à subversão e às ideologias contrárias às tradições do nosso povo, na luta contra a corrupção, buscando, desse modo, “os meios indispensáveis” à obra de reconstrução econômica, financeira, política e moral do Brasil⁹.

No entanto, mesmo com todo esse foco de repressão e censura sofrida pela revista, na delimitação do corpus, algo de muito interessante me chamou a atenção na matéria 1 da revista. A forma como a revista trata o amor e o sexo da mulher foram os principais ganchos para que essa pesquisa se desenvolvesse, ou seja, a repressão sexual sofrida pela mulher foi o marco principal a ser tratado aqui, foi o que considerei como mais significativo para problematizar.

⁹ Informações retiradas do Acervo Digital da Ditadura, disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=194620>

Entender porque as representações da sexualidade para homens e mulheres são tão diferentes e tratadas pela sociedade de forma tão distintas foi o que mais me chamou atenção. Na matéria analisada, a mulher que não consegue ser feliz no casamento e, portanto, não consegue um verdadeiro amor, é tida como louca e necessitada de tratamento psicológico, esse é o diagnóstico da *Ele Ela*.

Por isso que acredito que a idéia inicial da revista, 'uma revista para ser lida a dois', que busca com esse slogan a idéia de igualdade entre os gêneros, cai por terra quando suas matérias inferiorizam a figura feminina. Na análise do corpus de pesquisa, minha intenção foi ressaltar o quanto a figura feminina é sobreposta de conceitos e preconceitos.

Por fim, é preciso pontuar que a *Ele Ela*, enquanto um "roteiro" para a orientação sexual do casal, não reflete simplesmente os leitores, principalmente o público feminino, ele reproduz as relações de homens e mulheres da década. A sexualidade feminina, aprendida através dos ensinamentos oferecidos pelos roteiros não é um fruto de um pensamento sexual feminino, mais sim de constantes e reiteradas influências discursivas sobrepostas sobre os desejos femininos e sobre a figura feminina como um todo.

O objetivo desse trabalho nunca foi esgotar o assunto, pelo contrário. O intuito é que novos olhares possam ser abertos para a questão da figura feminina em relação a figura masculina e os diferentes olhares sobre os gêneros e as relações de sexo, pois acredito que a pesquisa contribui para a formação de novos focos para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BUITONI, Dulcília Schroeder. Imprensa feminina. São Paulo: Ática, 1990.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Repressão Sexual – essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Editora Brasiliense S/A, 1985.

COSTA, Valmir. Sexo Lacrado: o controle político no jornalismo erótico (1964-82). São Paulo, 2007. Disponível em:
<http://www4.pucsp.br/projetohistoria/downloads/volume35/ATT06511.pdf>

CUNHA, Maria Teresa Santos Cunha. Armadilhas da Sedução. Os romances de M. Delly. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1999.

DE CASTILHO, Ela Wiecko Vilckmer. O que é Gênero. Brasília, 2008. Disponível em:
<http://pfdc.pgr.mpf.gov.br/informacao-e-comunicacao/eventos/mulher/dia-da-mulher/verbet/?searchterm=conceito%20de%20gênero>

DE LUCA, Tânia Regina. A Revista o Brasil. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

FEDERAL, Senado. Ato Institucional Nº 5. Disponível em:
<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=194620>

FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. História da Sexualidade I: A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. Um diálogo sobre os prazeres do sexo, Nietzsche, Freud e Marx, Theatrum Philosophicum. Paris: Landy Editora, 2000.

_____. A Mulher / Os Rapazes da História da Sexualidade. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 1997.

GALINDO, Dolores. Com o sexo no coração: sentidos sobre o sexo e o amor na revista feminina Nova Cosmopolitan publicada no Brasil. São Paulo, 1999. Disponível em: <http://interfaceg2g.org/midia/g2g/atigo-sexo-amor-revista%20nova.pdf>

GIDDENS, Anthony. Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista – UNESP, 1993.

MINELLA, Luzinete Simões. A contribuição da Revista Estudos Feministas para o debate sobre gênero e feminismo. Florianópolis, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000300024&lng=pt&nrm=iso

MONTEIRO, Marko. A Perspectiva do Gênero nos Estudos da Masculinidade. Disponível em: <http://www.artnet.com.br/~marko/articles.htm>. Campinas, 1997.

_____. Masculinidade e Representação: um estudo da revista Ele Ela – 1969-1972. 1997. Monografia (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) – UNICAMP, São Paulo, 1997.

MONTEIRO, Marli Piva. Mulher Profissão Mulher. Petrópolis - Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1990.

PINTO, Célia Regina Jardim. Uma História do Feminismo no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

SCALZO, Marília. Jornalismo de Revista. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

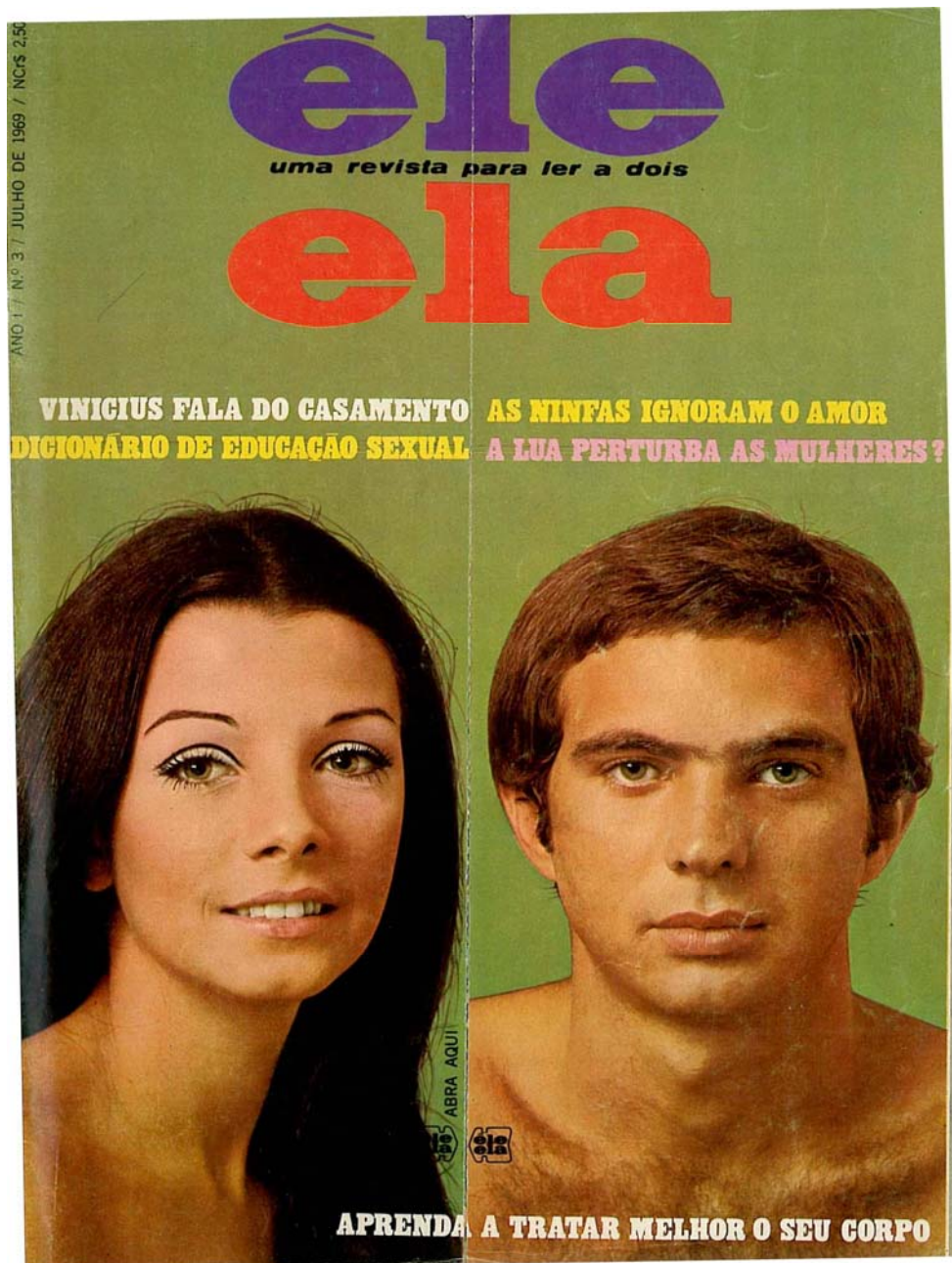
SEIXAS, Ana Maria Ramos. Sexualidade Feminina. São Paulo: Editora SENAC, 1998.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

ANEXOS

ANEXO A – Capa da edição em análise

A revista apresenta em sua capa a relação de igualdade entre os gêneros. O slogan da revista deixa essa proposta evidente:



ANEXO B – Editorial

No editorial da revista, a mulher é vista como um ser fraco, mas, passível de poder em relação ao homem. É apresentada como um ser que põe em risco a virilidade masculina.



ele ela

ELE NÃO PODE EXISTIR SEM ELA

Etérea, graciosa e ágil como a primeira luz das madrugada, a mulher é o ser maravilhoso criado pelos deuses para dar ao homem o equilíbrio que, desde o começo, lhe faltava. Pois contam os gregos que, no princípio, só havia o homem, e tão magnificamente bem dotado que lhes causava medo. Eles receavam que o homem viesse a abusar da sua perfeição para subverter os céus. Criaram, então, um poder mais fraco, mas suficientemente forte para fazê-lo curvar-se. Esse poder foi a mulher, obra-prima de nuances, de malícia e engenho, de encanto e sedução sem iguais na Terra. E a manobra dos deuses resultou num sucesso. É a razão pela qual, diante da mulher, o homem se perturba e vacila como se enfrentasse a sua própria imagem refeita e melhorada. Neste seu novo número, ELE ELA analisa, sob muitos aspectos, os entrecosques constantes do homem-todo-poderoso e da mulher-tôda-sabedoria. E a verdade é que, apesar de tudo, ELE sem ELA não pode existir.

JUSTINO MARTINS

ANEXO C – Matéria – “Nunca senti o verdadeiro amor”.

Chamada da matéria analisada neste trabalho que possibilitou as discussões entre Gênero, Sexualidade feminina e Representações.

